

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER DOS ALUNOS DA EJA

José Enildo Elias Bezerra (FOCCA)
enildoelias@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que tem propiciado a todos o direito à educação para aqueles que não puderam concluir seus estudos na idade adequada, seja por condições socioeconômicas desfavoráveis, seja pela inadequação do sistema de ensino.

As pessoas que formam a EJA, em sua grande maioria são homens e mulheres, sujeitos sociais e culturais, muitas vezes, marginalizados nos aspectos sociais, econômicos e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, esses indivíduos, ao ingressar no mundo educacional, buscam melhorar as suas condições de vida, a fim de se alfabetizarem e aprimorar o que já foi aprendido, mas por não estarem estudando e exercitando o conhecimento já adquirido, esse se encontra adormecido.

A leitura tem um papel determinante nesse processo, pois é através dela que estes sujeitos se sentem mais completos e seguros, passam a adentrar em uma realidade antes nunca imaginada. As discussões de textos trazem consigo novas formas e visões de encarar o mundo, favorecendo nova aprendizagem unificando-se com as que já existiam por meio de suas experiências.

Sendo assim, durante o decorrer deste trabalho, será abordada a importância da leitura para os alunos da EJA, o papel do professor nesse processo e ainda, como um simples ato de ler pode modificar a vida de uma pessoa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A visão de mundo de um indivíduo que retorna aos estudos depois de adulto, após um tempo sem frequentar a escola, ou mesmo daquele que inicia sua trajetória escolar na fase adulta, é sem dúvida muito peculiar.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA são protagonistas de histórias reais e têm riqueza em experiências vividas. Configuram tipos de homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos.

As escolas recebem jovens e adultos com traços de vida, origens, vivências profissionais, histórias escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos completamente variados. A cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, já que são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural na qual estão inseridos.

Os alunos e alunas da EJA portam consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Pode-se dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão prática de ver o mundo. Eles se apoiam numa adesão espontânea e imediata às coisas que veem.

Os indivíduos que frequentam as aulas de língua portuguesa oriundos da EJA estão interessados em um saber cotidiano. Por sua natureza, esses alunos trazem um saber reflexivo, pois é um saber da vida, saber este amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios éticos e morais que já estão formados, fora da comunidade escolar.

Transformar a sala de aula da EJA em um espaço de reflexão, de pensamento, nem sempre é uma tarefa fácil, isto porque em uma sociedade tão hierarquizada como a brasileira, pode-se observar que os alunos e alunas, geralmente, desenvolvem as ocupações mais subalternas, estando sujeitos a cumprir regras e ordens impostas por seus superiores (chefes, patrões, gerentes etc.).

Treinados a seguir orientações, não é de estranhar que ao chegarem à escola desejem encontrar atividades nas quais predomine a cópia, a repetição do que diz o professor, dentre outras situações do mesmo tipo, que levam ao aprendiz a crer que essa é a melhor forma para adquirir o conhecimento. Pensar e tomar decisões são bem diferentes e exigem um grau de complexidade maior, principalmente pa-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ra quem tem pouco exercício dessa prática, o que torna a mudança de abordagem acadêmica restrita.

O professor desta modalidade deve estar atento às questões de formação desses alunos, principalmente no que se refere à leitura de textos que levem a formar cidadãos críticos e atuantes. A EJA é, provavelmente, o único espaço na vida desses alunos que proporciona o ato de pensar de forma organizada, e é uma imensa responsabilidade para os professores de língua materna fazê-lo. Para Silveira (1998), é importante que os professores possam diagnosticar as reais dificuldades existentes nas aulas de língua portuguesa com relação à leitura e possam assim procurar encontrar novas perspectivas para melhorar as interações comunicativas de seus alunos.

Os alunos da EJA encontram-se muitas vezes em situações de desvantagens quando comparados aos alunos do ensino regular, por não praticarem leitura no espaço escolar durante os anos que estudaram. Esse condicionante se traduz num desafio de criar condições para que seja desenvolvido um trabalho direcionado à leitura de mundo a partir das próprias concepções que os alunos já possuem. Sobre os aspectos do trabalho da leitura na escola.

Silveira (1998, p. 136) destaca que:

A escola brasileira está preocupada com o ensino geral de língua materna, ensino tradicional, preocupando apenas com aspectos de língua-padrão exemplar (“bem falar e bem escrever”). Assim, o conteúdo da disciplina portuguesa privilegia a norma-padrão gramatical, proposta por nossos gramáticos a partir de textos literários de “prestígio” e imposta pela escola, com instância de controle das variações linguísticas orais e escritas. No ensino geral de língua materna, a preocupação do professor é sanar o “erro” ortográfico, vocabular e gramatical de seus alunos, o ensino da leitura tem espaço mínimo.

A tendência do ensino nas escolas em turmas de jovens e adultos ainda permanece situada nos aspectos mencionados, pois o ensino tradicional é ainda muito propagado entre esse público. Evidentemente, o comentário que a autora faz sobre o espaço mínimo de leitura é mais evidente em turmas da EJA por serem os professores provenientes em alguns casos de uma escola tradicionalista, onde a difusão do ensino de frases soltas e descontextualizadas ainda predominava.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A autora ainda analisa que este tipo de ensino é designado como geral, pois o professor não trabalha com as individualidades de cada aluno, no sentido de respeitar a contextualização da comunidade em que vive o aluno, trazendo assim uma maior dificuldade no ensino/aprendizagem da língua portuguesa. A preocupação dos professores no ensino tradicional é de planejar previamente e traçar os conteúdos sem conhecer os alunos. Há uma só preocupação: cumprir o programa.

O professor atuante na modalidade de ensino de jovens e adultos deve observar as condições em que esses indivíduos se encontram e observar que esses são oriundos de escola tradicional e que as comunidades em que eles vivem têm sido, ao longo da história, lugares onde a leitura e a produção textual são mínimas predominando a oralidade, que é a forma básica de comunicação entre as pessoas desde períodos mais remotos.

É evidente que pessoas provenientes de lugares economicamente desfavoráveis que não têm acesso a uma melhor qualidade de ensino, terão mais dificuldades em realizar atividades simples de leitura e produção textual. (Silveira, 1998, p. 137) lembra que:

O ensino geral da língua foi adequado quando o alunado era filho de famílias elitistas, com alta escolaridade representativa dos grupos de poder que usam o padrão real oral e padrão gramatical normativo escrito. Este alunado, desde pequeno, aprende a norma exemplar, em família, e vem à escola aprender a modalidade escrita; as dificuldades para esse alunado são menores, na medida em que o padrão real oral, que vinha sendo adquirido, é muito próximo do padrão escrito gramatical normativo.

O desafio do professor da EJA é detectar as particularidades expostas pela autora e direcionar o trabalho para esse grupo de estudantes de forma mais específica, levando em consideração sempre as dificuldades enfrentadas durante o curto período em que estiveram em sala de aula e o seu distanciamento de um trabalho voltado à interpretação textual, lembrando que para esses alunos, o único lugar de leitura, muitas vezes, é a escola.

Nas aulas de língua portuguesa é importante que através de leitura de texto o professor possa envolver o tema abordado em sala de aula com a realidade vivenciada pelo grupo estudantil da EJA. A tarefa do professor é pensar e definir os critérios de escolha do que deve ensinar e o lugar que devem ocupar os conteúdos a ser minis-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

trados, mas sem esquecer que é necessário considerar que o sentido de aprender, nas classes da EJA, está no encontro com alunos com a satisfação de suas necessidades e expectativas. Sendo assim, se este mestre conseguir adaptar o seu ensino a realidade de seus alunos, a possibilidade de alcançar um elevado nível de conhecimento será maior.

As reflexões sobre um novo olhar no ensino de jovens e adultos com relação à leitura de textos lidos em sala, a partir do conhecimento já existente em cada indivíduo, devem ser levadas em consideração. O que os alunos têm em seu imaginário sobre a escola que já conhecem pela qual já passaram anos atrás, ou sobre o cotidiano de seus filhos, nem sempre é o mesmo com o que se deparam nos primeiros dias de aula na EJA. Nesses casos, esperam encontrar o modelo tradicional de escola, ou seja, um lugar onde predominam aulas expositivas, com pontos copiados de lousa em que o professor é o único detentor do saber, o qual transmite conteúdos que são recebidos passivamente pelos alunos.

Alunos da EJA, em geral, esperam muita lição de casa porque acreditam que a quantidade de treino leva a boa aprendizagem. Especialmente os mais velhos se mostram resistentes à nova concepção de ensino através de leitura de textos, que os colocam como sujeitos do processo educativo. Muitos, ao se depararem com uma aula na qual são convidados a pensar juntos, em grupo; a resolver desafios diferentes dos exercícios mais convencionais; a ler textos literários; a aprender com a música, a poesia, o jornal; estranham, resistem e acreditam não ser esse o caminho para aprender o que escola ensina.

O professor deve estar atento a poder transformar a escola em um lugar acolhedor, algo receptivo à aprendizagem, repleto de curiosidade e que vai para a sala de aula desejoso de novas experiências. Neste caso, as leituras de textos irão facilitar o entendimento de mundo desses alunos ajudando-os a compreender melhor a sociedade em que vivem transformando-os em verdadeiros cidadãos.

Os textos lidos nestas comunidades devem levar em consideração aspectos que estejam ligados ao dia-a-dia dos alunos da EJA. (Silveira, 1998, p. 137) identifica que:

Com a sociabilização da escola brasileira, o alunado, em sua maioria, é filho de classes populares, com baixo grau de escolaridade e que usa

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

como membro de seu grupo social, o padrão nativo, que é apenas oral e está muito distante do padrão real oral e do padrão exemplar escrito, usados e ensinados na e pela escola.

No ensino da EJA, o cenário pode ser transformado na medida em que a escola investe no acolhimento desse alunado, levando a despertar a curiosidade por textos que contêm semelhanças com suas experiências e que podem ser produzidos a partir de novas expectativas de cada sujeito ali representado.

O processo de leitura na escola vai ampliar competências e habilidades envolvidas no uso da palavra, isto é, dominar o discurso nas diversas situações comunicativas, para entender a lógica de organização que rege a sociedade, bem como interpretar as sutilezas de seu funcionamento.

O aluno deve perceber que a língua é um instrumento vivo, dinâmico, facilitador, com o qual é possível participar ativa e essencialmente da construção da mensagem de qualquer texto. As experiências conseguidas pela escuta e pela leitura de texto, bem como pelo exercício frequente de expressar ideias oralmente e por escrito, são grandes fontes de energia a impulsionar novas descobertas e a elaboração e difusão de conhecimento.

Um texto, como a decifração de qualquer ato de comunicação, é, antes de tudo, uma prática social que se dá na interação com o outro. Conscientizar o aluno da EJA desse processo é tarefa da área de Língua Portuguesa, é estabelecer a cumplicidade entre ele e a palavra. Para Izabel (1999, p.70), é importante ressaltar que:

O ser humano é sujeito praticante de leitura, uma vez que decifra, compreende, interpreta, avalia o signo. Sendo sujeito leitor, simultaneamente, lê palavras, formas, cores, sons, volumes, texturas, gestos, movimentos, aromas, atitudes, fatos. Este sujeito interage com diversas formas de linguagem, através de sua leitura do mundo.

Refletindo sobre a citação acima, pode-se afirmar que nas aulas de Língua Portuguesa para alunos da EJA, é necessário reduzir a distância entre estudantes e palavra, ou seja, deve-se procurar anular experiência traumática com os processos de aprendizagem da leitura e da produção de textos.

O professor poderá incorporar uma visão diferente da palavra para que os alunos continuem motivados a compreender o discurso

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

do outro, a interpretar pontos de vista, a assimilar e a criticar as coisas do mundo. Pode, também, fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar. É importante que a leitura seja utilizada para interagir em várias situações comunicativas nos grupos sociais com os quais convivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o aluno que integra a EJA atinja o aprendizado desejado, é fundamental que haja uma leitura constante e atualizada de textos diversificados. No entanto, faz-se necessário que o educando tenha consciência da importância dessa prática. Durante esse processo, é essencial que se criem conceitos, procedimentos e atitudes que revestem o processo da leitura nessa modalidade de ensino. Assim, os alunos podem participar essencialmente, e de forma ativa, da construção e da mensagem do texto.

REFERÊNCIAS

SILVEIRA, Regina Célia P. da. *Leitura: Produção Interacional de Conhecimentos*. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua portuguesa – História, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC, 1998.

MAGALHÃES, Izabel. *A interação sujeito-linguagem em leitura. As múltiplas faces da linguagem* (org). Brasília: UnB, 1996.